

A ARGUMENTAÇÃO NOS EDITORIAIS DE JORNAIS PARAIBANOS DO SÉCULO XIX E SÉCULO XX: ASPECTOS LINGUÍSTICOS E CONTEXTUAIS

Ana Paula Bezerril Celestino¹
Roseane Batista Feitosa Nicolau²

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo contemplar o estudo da história do uso da Língua Portuguesa do Brasil presente no Estado da Paraíba, nos séculos XIX e XX. Detivemo-nos precisamente nos aspectos sócio-históricos e linguísticos encontrados nos textos editoriais de jornais. Para a sua concretização, tivemos como principal base teórica o modelo das Tradições Discursivas (KABATEK, 2005), que colabora para que possamos acompanhar a evolução e transformação dos gêneros, e a teoria da argumentação (DUCROT, 1988), a qual vê o fenômeno da argumentação presente na linguagem, cujas marcas podem ser visualizadas por meio dos operadores e modalizadores discursivos. Servimo-nos de banco de textos da Hemeroteca Digital Brasileira e de acervos locais como o Instituto Histórico da Paraíba e Casa Fundação José Américo - PB. Percebemos neste estudo o quanto o texto editorial é argumentativo e que os modalizadores favorecem essa ação. Ao observar os modalizadores, vimos qual a posição do jornal perante o fato ou assunto tratado, bem como os editores querem induzir a uma determinada opinião. Os modalizadores encontrados com mais frequência nos editoriais analisados foram os afetivos (avaliativos), deônticos e epistêmicos.

PALAVRAS-CHAVE: Tradição discursiva; Argumentação; Editorial.

ABSTRACT: This work aims to study the history of the Portuguese language usage in the state of Paraíba, Brazil, in the 19th and 20th centuries. We focus on the socio-historical and linguistic aspects found in the editorial texts of newspapers. In order to achieve this, the main theoretical basis used is the model of Discursive Traditions (KABATEK, 2005) which allows monitoring of the evolution and the transformation of the genres, and the theory of argumentation (DUCROT, 1988) which identify the phenomenon of argumentation presented in the language, whose marks can be visualized through the operators and discursive modalizers. Moreover, the text bank contained in the Brazilian Newspaper Digital Library and local collections such as the Historical Institute of Paraíba and Casa Fundação José Américo - PB was utilized. It is perceived how the editorial text is argumentative and that the modalizers favor this action. Observing the modalizers, it is seen the position of the newspaper towards the fact or subject treated, as well as the publishers wants to induce us to a certain opinion. The most of the used modalizers in the in the analyzed editorials were affective (evaluative), deontic and epistemic.

KEY WORDS: Discursive traditions; Argumentation; Editorial

1. Introdução

Tivemos como propósito nesta pesquisa, que corresponde a um plano de ação de um Projeto de Iniciação Científica, (PIBIC-UFPB), intitulado *Tradição Discursiva nos*

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal da Paraíba – Campus IV.

² Professora do Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba- Campus IV

jornais paraibanos: mudanças e permanências na ação argumentativa nos editoriais do século XIX ao século XXI, coletar editoriais de séculos passados, publicados em jornais paraibanos, e analisar a sua ação argumentativa, através da modalização, presente neste gênero. Buscamos, primeiramente, construir um banco de textos com editoriais do século XIX e século XX.

A coleta se deu em acervos locais, como no Instituto Histórico da Paraíba e Casa Fundação José Américo - PB e na Hemeroteca Digital Brasileira (<http://hemerotecadigital.bn.br>). Posteriormente, houve a digitalização e a transcrição, conforme as normas utilizadas no projeto mencionado.

Após a coleta do *corpus* da pesquisa, foi realizada a análise dos dados a partir dos estudos de Kabatek (2005) sobre as Tradições discursivas; de Ducrot (1988) sobre a argumentação; e de Castilho e Castilho (1993) e Nascimento (2012) sobre os modalizadores.

Apresentaremos, de forma breve, a perspectiva teórica da Tradição Discursiva, que se ocupa com a historicidade da língua e dos textos; depois trataremos da argumentação, abordagem teórica que nos revela que, ao produzir enunciados, colocamos neles todas as nossas opiniões e os objetivos, ou seja, o que queremos alcançar e direcionamos o nosso interlocutor a seguir as nossas conclusões. Por isso, o estudo da argumentação se tornou fator essencial para a compreensão do sentido do enunciado.

2. Tradições Discursivas

As Tradições Discursivas são modos tradicionais de falar as coisas (KABATEK 2005), que podem ser desde uma simples fórmula até um gênero. No âmbito da enunciação, as Tradições Discursivas fazem parte do processo de construção do enunciado.

Para chegarmos ao enunciado, passamos por dois filtros: o primeiro filtro corresponde à língua e o segundo, às Tradições Discursivas, que, para Kabatek (2005), são modeladas de acordo com tradições textuais contidas no acervo da memória cultural da comunidade, conforme uma maneira tradicional de dizer ou de escrever.

Sendo assim, conforme Fonseca (2006), podemos dizer que o enunciador escolhe dentro de um leque de variedades que a sua língua proporciona, regras e itens linguísticos e, logo após, sua produção linguística atravessa o filtro das tradições discursivas, que mostrará qual o gênero textual que melhor se adequa ao seu objetivo comunicativo. O enunciador, a partir desse processo, cria e estrutura o seu enunciado, conforme modelos pré-existentes.

Os fatores sociais, culturais e históricos estão estreitamente ligados à formação e à repetição de uma Tradição Discursiva; elas podem se transformar, mudar e, até mesmo, se converter em outra forma totalmente diferente da qual foi estabelecida inicialmente, pois as Tradições Discursivas se adequam a um novo ambiente social e linguístico, onde estão sendo inseridas, como ocorre nos editoriais.

3. Argumentatividade e Modalização

Durante toda nossa vida utilizamos a língua como forma de interação social, quando criticamos, avaliamos ou julgamos qualquer situação a que somos submetidos. Esse fenômeno é o que chamamos de argumentatividade e está sempre presente nas situações comunicativas. Como afirma Koch (1999, p.17):

[...] o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neuro”, ingênuo, contém também ideologia - a da sua própria objetividade. (Grifos da autora).

Seguindo o pensamento de Koch, é impossível que nos discursos não existam intenções, já que estamos sempre em busca de algum objetivo e lutando pelo que queremos alcançar. Dessa forma, quando interagimos com outras pessoas, procuramos dotar nossos enunciados com recursos argumentativos. Isso nos revela que, ao produzir esses enunciados, colocamos neles todas as nossas opiniões; e, também, direcionamos o nosso interlocutor a seguir as nossas conclusões. Essa interação social através da língua é caracterizada pela argumentatividade. Assim, “argumentar é orientar o discurso tendo em vista uma determinada conclusão, intencionalmente.” (NASCIMENTO 2012, p.30).

O ato de argumentar está presente em toda nossa vida, em todo nosso cotidiano, ao conversarmos com nossos amigos, na faculdade, na nossa casa etc., ou seja, em tudo que falamos existe argumentação, é algo natural e espontâneo, e isso foi verificado também nos editoriais.

4. Identificação do Gênero Editorial

O editorial é um gênero opinativo-argumentativo, uma vez que o redator expõe a opinião do jornal acerca dos acontecimentos e fatos, sobretudo de ordem social. Além disso, segundo Gomes (2007, p.113)

Os editoriais, [...] também são utilizados pelas instituições periodísticas como textos de apresentação dos conteúdos e propósitos de um jornal ou de uma revista [...]. Desse modo, são utilizados para introduzir um periódico no mercado, quando, no primeiro número a ser publicado, os redatores fazem uma auto-apresentação do jornal.

Por isso, o editorial é gênero textual jornalístico que está presente em diferentes meios de comunicação (jornais, revistas etc.), para mostrar um ponto de vista sobre determinado tema, sendo, portanto, opinativo. Os temas debatidos são quase sempre acerca dos acontecimentos do setor político, econômico, social, científico e, também, do cotidiano, sejam eles em âmbito local, nacional ou mundial.

Desta forma, podemos afirmar que este gênero tem a função de informar com o propósito de levar o leitor a fazer uma reflexão crítica sobre os assuntos em pauta; e, para isso, esse gênero serve-se de modalizadores, no intuito de persuadir o leitor a concordar com a visão proposta pelo jornal e assim enquadra-se no âmbito do jornalístico opinativo-argumentativo.

Segundo Gomes (2007), assim como qualquer gênero, no editorial há plasticidade e, por isso, apresenta variações em sua funcionalidade. Dependendo da instituição que o

veicula, ele poderá expressar uma opinião sobre um fato (editorial padrão), apresentar o suporte que o conduz (editorial de apresentação) e/ou unir as duas funções anteriores, opinando sobre algo e mostrando o suporte (editorial misto). Em síntese, como o gênero editorial faz parte do campo discursivo jornalístico, é o gênero que evidencia a opinião do jornal sobre determinado fato ou assunto.

Sobre a estrutura, devemos ressaltar que o texto editorial, algumas vezes, se apresenta de maneira curta e concisa; em outras, há um detalhamento maior sobre o tema. Geralmente este gênero abrange os seguintes elementos, conforme Gomes (2007, p.111):

- a) Título: síntese da ideia desenvolvida no texto;
- b) Introdução: formulação da ideia que originou a matéria, apresentação da ideia central;
- c) Discussão ou desenvolvimento: apresentação de argumentos e contra-argumentos acerca da questão em debate, e analisa a questão em pauta por meio da apresentação de dados estatísticos, exemplos, comparações, depoimentos entre outros;
- d) Conclusão: o autor propõe resoluções para o problema debatido, ou faz um resumo do que foi discutido anteriormente, direcionando a opinião dos leitores por meio de exortações, apelos, constatações etc.

Ainda de acordo como Gomes, neste gênero textual, a objetividade e a imparcialidade não estão presentes, uma vez que apresenta a opinião do jornal sobre o conteúdo exposto, muitas vezes de forma subjetiva. Deste modo, como os editoriais não têm assinatura, os acontecimentos são relatados em conformidade com visão subjetiva do editor, do seu ponto de vista, mostrando a posição do grupo que está por trás do veículo de informação, isto é, a posição do jornal.

No século XIX, conforme Gomes (2007), os editoriais foram denominados de “artigos de fundo”, os quais representavam interesses dos grupos políticos que estavam no poder. Além disso, apresentavam um balanço entre o discurso político e o literário.

Os editoriais eram localizados abaixo da repetição do nome do jornal; ora com título, ora sem título; entretanto, nem todos os textos encontrados nesse espaço continham características de editoriais. Ao longo dos anos, com o avanço tecnológico e, para que a imprensa se estruturasse aos moldes industriais, houve a necessidade de os jornais escolherem novos gêneros e novas seções; desta forma, os editoriais passaram a ocupar menos espaço.

Os editoriais do século XX apresentam características semelhantes às dos textos do final do século XIX; porém, são perceptíveis algumas transformações ocorridas. Tendo lugar privilegiado, o texto editorial é encontrado no canto superior esquerdo e fixo no jornal, abaixo do nome e da data, elementos que colaboram para diferenciar o editorial e de outros textos.

Ao longo dos séculos, mudanças ocorreram no gênero editorial, provocadas por fatores linguístico-discursivos e sócio-históricos, entretanto, alguns aspectos foram preservados. Esses aspectos colaboram para a identificação desse gênero como uma tradição discursiva do jornal.

No campo linguístico-discursivo, características foram preservadas, tais como o ponto de vista discursivo do jornal; o propósito comunicativo voltado para temas marcantes; e, no uso de elementos linguísticos, elementos da ordem do opinar e

argumentar, por meio de modalizadores, por exemplo. Sendo assim, a presença destes aspectos mostra a constituição do editorial que se mantém como uma tradição discursiva ao longo dos anos, o que favorece o reconhecimento desse gênero nos jornais de outrora até os dias atuais.

5. Editoriais: os propósitos comunicativos

Para a verificação de propósitos comunicativos próprios dos editoriais, foram selecionados alguns editoriais do século XIX e do século XX presentes nos jornais da Paraíba.

Nos editoriais do século XIX, percebemos uma temática recorrente ainda hoje: a taxa de analfabetismo na Paraíba. Naquela época, já havia uma preocupação com a alta taxa de analfabetos, ocasionado diversos debates acerca da problemática do indivíduo sem instrução, privando de seus direitos sociais, por falta da leitura e da escrita. Vemos isso no editorial publicado no jornal *A Imprensa*, em 28 de novembro de 1897, cujo título é “*Analphabetismo*” e no qual se discute essa problemática. Além do teor opinativo do texto, há também apresentação de informações acerca do tema em pauta.

Há, neste editorial, um forte posicionamento sobre os analfabetos, quanto ao direito de votar:

Quem não sabe ler, nem escrever não tem a| capacidade precisa de intervir com o seu voto| na direcção dos negocios publicos.||”. Ainda, o quanto o índice de criminalidade está ligado à falta de estudos: “Sobreleva notas que o nosso Codigo Crimi-| nal trancou as portas, que dão entrada a pro-| fissão mercantil ao infeliz analphabeto, como| são as obrigações impostas aos commercian-| tes; ao passo que o Código Penal com larga| franqueza lhe abre as portas das prisões.||E s para clie [ilegível] que consiste a lei da| compensação.||A carreira dos crimes está implantada no| alphabetismo.|| (A Imprensa, 28/11/1897)

Na publicação de 31 de janeiro de 1895, no jornal *Gazeta do Comercio*, o editorial é intitulado “*O magistério*”. Nele há a exposição da realidade vivida pelos professores no final do século XIX. De início, já notamos o posicionamento do jornal sobre o tema exposto. Esta posição permanece em todo o texto e se mescla com as informações fornecidas:

Não ha classe mais credora de | estima, profissão mais digna de am-| paro, do que a d’aquelles que se de-| dicam ao nobre mister de instruir. || Entretanto é quase mulla a soliei-| tude do governo por eses obscuros | sacerdotes da educação popular. (Gazeta do Comercio, 31 de janeiro de 1895).

No texto publicado no *O Jornal*, 28 de novembro de 1923, além dos resquícios do teor opinativo, há claramente a propagação de informações sobre a doença infectocontagiosa que se expandiu de forma epidêmica em meados do século XX. Com o objetivo não só de informar; há, também, a presença da posição do jornal.

As repartições | publicas, cujo pessoal ncarrega-|do do serviço nem sempre é todo | sadio, merece especialmente inspecção | da parte dos governantes, no senti-|do de descobrir os casos de tu-|berculose, mesmo que não sejam | fracamente suspeitos, porque mui-|tas vezes há tuberculosos que pe-|los traços physicos de aparente | saúde enganam qualquer pessoa. || Quanto as lesões

pulmonares não | se acham cavernosas, isto é, os tuberculos não são ainda a-
|berto, a expectoração não será | tao abundante e por conseguinte | a tosse não
será tao pronuncia-|ada que chame bem a atenção. || Neste casos os doentes
affecta-|dos passam como indivíduos ro-|bustos, sem que os companheiros | de
trabalho ao menos descon-|fiem. (O Jornal, 28/11/1923)

Ainda no século XX, o editorial publicado no jornal *A União* em 21 de junho de 1953, intitulado “*Mamanguape*”, noticia a inauguração da nova instituição de ensino da cidade, neste caso, o Instituto Moderno. Porém há em destaque, neste editorial, informações sobre a cidade em questão; depois, ocorrem comentários pessoais e posicionamentos sobre este local.

Porque é um dos | municípios do Estado que, tempos atrás, não se distin-guiu
apenas pelo seu movi-| mento comercial, sendo um | dos nossos mais
concorridos | centros. Não, Destacou-se Tam- | bem – e espírito dos seus fi- |
lhos, sendo hoje uma das ci- | dades paraibanas que pode | apresentar uma lista
nem ex- | pressiva de homens que men- | talmente souberam elevar a | Paraíba.
|| Passei, sexta-feira última, | um agradável dia em Maman- | guape. (A União,
21/06/1953)

A partir dos exemplos transcritos acima, percebemos que os propósitos comunicativos estão voltados para as principais notícias do cotidiano que, por sua vez, interligam-se aos assuntos sócio-históricos do momento, sejam eles em âmbito local, nacional ou mundial. Além disso, há uma visão de que a questão tratada no editorial, ao ser colocada de forma opinativa, pode levar o leitor a fazer uma reflexão crítica sobre os assuntos em pauta, concordando ou não com a visão apresentada pelo jornal, fortalecida por recursos linguísticos como os modalizadores.

6. Modalizadores no gênero editorial

Após o surgimento de estudos voltados para a linguagem em uso e para as marcas do sujeito no enunciado, iniciou-se o estudo da modalização. A modalização corresponde a elementos linguísticos que manifestam um posicionamento do locutor sobre a temática tratada no seu próprio texto, que pode ser de amenizar ou enfatizar o que foi dito.

Com as frequentes mudanças sofridas pelos textos ao longo do tempo, interessa para nós observar o uso da modalização como uma ação argumentativa que busca formar a opinião do outro a partir do discurso proferido. A modalização é vista como uma das estratégias que pode nos ajudar a orientar nosso discurso para alcançarmos o que queremos. De acordo com Nascimento (2012), quando se pronuncia uma frase, nesse registro há intenções que agem em função do seu interlocutor.

Com a estratégia da modalização, o falante pode confirmar, negar, dar sua opinião, delimitar algo etc. A modalização propicia ao locutor deixar marcas da sua subjetividade em seu enunciado, em seu discurso. Ao utilizar os modalizadores, ele imprime como seu discurso deve ser lido pelo interlocutor e como direcionar o mesmo a concordar com suas conclusões.

O locutor, ao utilizar a modalização em seu discurso, dá a sua opinião ao que foi dito por ele mesmo. Como afirma Castilho e Castilho (1993, p.217), “o termo modalização expressa um julgamento do falante perante a proposição”.

Para a análise dos modalizadores presentes nos editoriais dos séculos em estudo, foram selecionados dois editoriais, sendo eles, um do século XIX, e um do século XX. O primeiro, publicado em 28 de novembro de 1897 no jornal *A Imprensa*, que possui como título “*Analphabeismo*” (já estudado no tópico sobre propósito comunicativo), que expõe as consequências de ser analfabeto na época. Observemos os modalizadores destacados nesse editorial:

Do feito, o analfabeto é o **infeliz**, que soffre todas as privações sociaes. || O algarismo dos crimes se argumenta com esta misera classe, d’onde surge a **necessidade** de se mandar as creanças ás escolas, visto que sem a instrucção não à feliciddae **possível** nes-te mundo. || Perante o Estado, a sociedade civil e religi-osa não passa de um ente racional, que não faz inveja aos irracionaes educados; **só** [manchado] deveres, mas não tem direitos. || No Estado vive privado de todas as funções políticas. || Se outr’ora permittia-se que o analfabeto votasse nos comícios populares, era certamen- com o fim de accender em seu peito o fogo do patriotismo, de excitar lhe o brio e o estímulo de tornar-se digno e apto para ser votado. || Quem não sabe ler, nem escrever **não tem** a capacidade **precisa** de intervir com o seu voto na direcção dos negocios publicos. || (Ilegível) que saiba ler e escrever; nenhum acto civil **pode por se praticar** sem interferen- cia de vontade alheia, que afinal é a que prevalece sobre a do pupillo perpetuo. || **Quasi** sempre é victima da fraude e do abuso de confiança, **só pode** ser equiparado ao menor ou ao interdecto, sem contudo ter a vantagem, que estes gozão de estarem sob a tutela e vigi- lância da lei, que os defende em sua fraqueza e ignorancia. [Grifos nosso]

Desatamos e classificamos os seguintes modalizadores:

Epistêmico	Quase
Deônticos	Necessidade, possível, não têm direitos, precisa, pode por se praticar, só pode
Afetivos	Infeliz, ao infeliz, que misera classe.

O segundo tem como título “A tuberculose”, publicado no *O Jornal*, em 28 de novembro de 1923, apresenta informação e opinião a respeito da doença infectocontagiosa que se tornou epidêmica. Observemos os seguintes modalizadores em negrito:

De facto, é elle peor que a peste negra, é o **maior flagelo** da humanidade sofredora, tal qual um polvo **infernol** com seus tentáculos de fogo intrometendo-los em todas as camadas sociaes. || A variola, esta febre eruptiva que tantos sobressaltos produz nas populações, **pelo horror** que infunde nas victimas o seu nauseabundo estado eruptivo, e, em seguida, parulento, não faz a mortandade que regista a tuberculose, e principalmente a pulmonar. É que as outras moles- tias infecto-contagiosas são estas dos mórbidos que se manifestam **quase sempre** sob a forma de insultos epidémicos, portanto com tendência a soluções de continuidade, a intermitências bem claras emquanto a tuberculose segue a sua marcha constante, sem embaraços, sem empecilhos. **Diaria-mente** são constatados inúmeros óbitos de tuberculose em todo o mundo.; por onde se ver que é ella a moléstia de maior mortalidade universal. A nossa falta de cuidados preventivos muito ocorre para que o assombroso morbus se identifique conosco estabelecendo essa promiscuidade criminosa entre doentes e são em odo os ramos de vida, em todas as manifestações de actividade Humana! **Precisamos** de lis que regulem esse estado de causas, a fim de que nos possamos defender de

inimigos tão ne-fasto, isolando no sanatórios, onde sejam convenientemente tados, os portadores de taelethal | entidade morvida. As repartições | publicas, cujo pessoal ncarrega-|do do serviço **nem sempre** é todo | sadio, merece **especialmente** inspecção | da parte dos governantes, no sentido de descobrir os casos de tu-|berculose, mesmo que não sejam | **fracamente** suspeitos, porque mui-|tas vezes há tuberculosos que pe-|los traços physicos de aparente | saúde enganam qualquer pessoa.[grifos nossos]

Neste editorial, destacamos e classificamos os seguintes modalizadores:

Epistêmicos	Quase,quase sempre, nem sempre é
Deôntico	Precisamos
Afetivos	o maior flagelo, Infernal, pelo horror, inimigos tão nefasto, especialmente, fracamente

Percebemos a presença dos modalizadores nos textos e sua variação em função do propósito do texto; isto torna a pesquisa mais de ordem qualitativa que quantitativa, por ser o discurso usado no editorial marcadamente subjetivo e, também, porque cada locutor faz uso dos modalizadores que melhor convier para sua exposição argumentativa.

A modalização diz respeito aos que está posto no discurso e é visto como um recurso estratégico da argumentação. O grau de envolvimento nos editores reflete-se na escolha dos elementos linguísticos e, conseqüentemente, no uso de determinados modalizadores. Foram identificados três tipos de modalizadores – epistêmicos, deônticos e afetivos nos editoriais analisados. Fundamentado em Castilho e Castilho (1993), Nascimento (2012), os modalizadores epistêmicos expressam avaliação sobre o caráter de verdade ou conhecimento, foram materializados nos editoriais por meio de: “quase”, “nem sempre”. **Os modalizadores deônticos** expressam avaliação sobre o caráter facultativo, proibitivo, volitivo ou de obrigatoriedade e foram materializados por meio dos termos ou expressões: “necessidade”, “possível”, “não têm direitos”, “precisa”, “só pode”, etc). Os modalizadores afetivos /avaliativos, materializados por: “infeliz”, “que misera classe”, “infernal”, expressam uma avaliação ou ponto de vista sobre o conteúdo, excetuando-se o caráter deôntico ou epistêmico. Observar a ação desses modalizadores e do que eles podem provocar é fundamental, pois, assim, podemos perceber as estratégias argumentativas usadas pelo editor, para atingir seus leitores.

7. Conclusão

Em síntese, abordando a concepção de gênero textual como ação social, é notável que cada gênero desempenha uma função social, uma vez que exerce a função de mediadores de ações na sociedade. Particularmente no caso do editorial, observamos que o objetivo é levar ao leitor o posicionamento do jornal. Desse modo, o gênero editorial expressa a opinião da empresa jornalística ou do veículo de comunicação sobre assuntos polêmicos que fazem parte daquele momento sócio-histórico.

Por meio desta pesquisa, resgatamos editoriais publicados em jornais impressos paraibanos dos séculos XIX e XX em visitas a banco de texto de acervos locais e online; também, nos aproximamos dos textos do domínio discursivo jornalístico, observando os elementos que os compõem, no plano histórico e no seu fazer linguístico-argumentativo.

Percebemos o quando o gênero editorial é argumentativo e que os modalizadores favorecem essa ação. Observando os modalizadores, vemos qual a posição do jornal perante o fato ou assunto tratado, bem como ele quer nos induzir a uma determinada opinião. Os modalizadores encontrados com mais frequência nos editoriais analisados foram os afetivos (avaliativos), que expõe o seu ponto de vista sobre conteúdo. Os modalizadores deôntico e epistêmico também se fizeram presentes.

Em suma, não só conhecemos os tipos de modalizadores próprios a esse gênero, mas também observamos os efeitos de sentido promovidos por eles nos diferentes enunciados produzidos pelos editores dos jornais durante a constituição do editorial.

Referências

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M de. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (Org.). **Gramática do português falado**. 2. ed. VII, Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

DUCROT, Oswald. **Polifonia y Argumentación**: Conferencias del Seminario Teoria de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Universidad del Valle, 1988.

FONSECA, Maria Cristina de Assis Pinto. **A escrita oficial**: manuscritos paraibanos dos séculos XVIII e XIX. Recife: Programa de pós-graduação em Letras da UFPE, 2006.

GOMES, Valeria S. **Traços de mudança e de permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido**. Tese de Doutorado, Recife: Programa de pós-graduação em Letras da UFPE, 2007.

KABATEK, Johannes: Tradições discursivas e mudança lingüística. In: Tânia Lobo (ed.): **Para a História do Português Brasileiro VI**, Salvador: EDUFBA, (no prelo). Texto apresentado no encontro PHPB em Itaparica, Bahia, setembro de 2004. <http://www.kabatek.de/discurso/itaparica.pdf>. Acesso em 18 jul. 2005.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e Linguagem**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira. SILVA, Joseli Maria da. LUCIENE, C. Espíndola. “Modalização”. In: LUCIENE, C. Espíndola. **Teorias Pragmáticas e Ensino**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

ANEXOS

O ANALPHABETISMO|| O objectivo da nossa melindrosa missão| consiste em contemplarmos o quadro con-| tristador do analphabeto perante a sociedade.| em calcularmos os males e as perturbações,| que o analphabetismo tem derramado em seu| seio.||Do feito, o analphabeto é o infeliz, que so-| ffre todas as privações sociaes.||O algarismo dos crimes se argumenta com| esta misera classe, d’onde surge a necessidade| de se mandar as creanças ás escolas, visto que| sem a instrucção não à feliciddae possível nes-| te mundo.||Perante o Estado,s a sociedade civil e religi-| osa não passa de um ente racional, que não faz| inveja aos irracionaes educados; só [manchado] deveres, mas não tem direitos.||No Estado vive privado de

todas as funções políticas. || Se outr'ora permittia-se que o analfabeto votasse nos comícios populares, era certamente com o fim de accender em seu peito o fogo do patriotismo, de excitar lhe o brio e o estímulo de tornar-se digno e apto para ser votado. || Quem não sabe ler, nem escrever não tem a capacidade precisa de intervir com o seu voto na direcção dos negocios publicos. || (Ilegível) que saiba ler e escrever; nenhum acto civil pode por se praticar sem interferencia de vontade alheia, que afinal é a que prevalece sobre a do pupillo perpetuo. || Quasi sempre é victima da fraude e do abuso de confiança, só pode ser equiparado ao menor ou ao interdicto, sem contudo ter a vantagem, que estes gozão de estarem sob a tutela e vigi-lância da lei, que os defende em sua fraqueza e ignorancia. || Sobreleva notas que o nosso Código Criminal trançou as portas, que dão entrada a pro-fissão mercantil ao infeliz analfabeto, como são as obrigações impostas aos commerciantes; ao passo que o Código Penal com larga franqueza lhe abre as portas das prisões. || E para clie [ilegível] que consiste a lei da compensação. || A carreira dos crimes está implantada no alphabetismo. || Em ultima analyse, derrame-se a instrução, como diz Chateaubriand, sobre a cabeça do povo, dese lhe esse baptismo. **A Imprensa, 28 de novembro de 1897.**

O MAGISTÉRIO || Não ha classe mais credora de estima, profissão mais digna de amparo, do que a d'aquelles que se dedicam ao nobre mister de instruir. || Entretanto é quase nulla a solietude do governo por eses obscuros sacerdotes da educação popular. || Em outras meios, onde a vida intellectual é menos precária do que n'este, abrem-se excepções felizes, n'essa humilde carreira de sacrificio; e os serviços prestados chegam, ás vezes, a alcançar uma justa remuneração. || Na Parahyba qual é o professor cujos esforços tenham sido compensados proporcionalmente? || E, si nos restringirmos ao mestre escola, ao manipulador das intelligencias infantins, podemos avançar que são uns espoliados. || Quanto ás escolas publicas, a justiça sobe de ponto. Ahi, além das incompatibilidades inherentes ao cargo há as preterições iníquas com que os governos desabusados entendem re- [ilegível] até demittir esses pobres [ilegível] do Estado. || [ilegível] propósito, nas pré- [ilegível] não é expor as tristes [ilegível] essa benemérita classe. || [ilegível] aos [ilegível] re- [ilegível] do povo que se acham re- [ilegível] nessa capital tratando dos máximos [ilegível] do Estado, afim de que não [ilegível] de reparar essa injustiças para que se lembrem mais [ilegível] do magistrado, com especialidade dos professores públicos de primeiras letras. || Da acção harmônica do exm. Presidente do Estado e o respectivo Poder Legislativo dependem, sobre tudo, o progresso e o bem-estar d'esta terra. E entre os elementos de desinvolvimento social e político nada mais efficaz se pode apontar do que dotar-se bem os empregados públicos, resumindo-os embora, para que o funcionalismo corresponda á importância das instituições estabelecidas. || O orçamento de despezas do Estado pode ser parcimonioso, sem precisar de se avarento com a mais desprotegida porção dos nossos empregados publicos. **Gazeta do Comercio, 31 de janeiro de 1895**

A TUBERCULOSE || Nas Repartições Publicas || A denominação de pestes brandas com que alguém appellidou a tuberculose, bem explica a sua terrível acção universal, matando mais que todas as outras troyes contagiosas reunidas. || A tuberculose || Nas Repartições Publicas || De facto, é elle a peste negra, é o maior flagelo da humanidade soffredora, tal qual um polvo infernal com seus tentáculos de fogo intrometendo-os em todas as camadas sociaes. || A varíola, esta febre eruptiva que tantos sobressaltos produz nas populações, pelo horror que infunde nas victimas o seu nauseabundo estado eruptivo, e, em seguida, parulento, não faz a mortandade que regista a tuberculose, e principalmente a pulmonar. É que as outras moles infecto-contagiosas são estas dos mórbidos que se manifestam quase sempre sob a forma de insultos epidérmicos, portanto com tendência a soluções de continuidade, a intermitências bem claras, quanto a tuberculose segue a sua marcha constante, sem embaraços, sem empecilhos. Diariamente são constatados inúmeros óbitos de tuberculose em todo o mundo.; por onde se ver que é ella a moléstia de maior mortalidade universal. A nossa falta de cuidados preventivos muito ocorre para que o assombroso morbus se identifique conosco estabelecendo essa promiscuidadecriminosa criminosa entre doentes e são em odo os ramos de vida, em todas as manifestações de actividade Humana! Precisamos de leis que regulem esse estado de causas, a fim de que nos possamos defender de inimigos tão nefastos, isolando no sanatórios, onde sejam convenientemente tratados, os portadores de taolethal entidade morvida. As repartições publicas, cujo pessoal carrega do do serviço nem sempre é todo sadio, merece especialmente inspecção da parte dos governantes, no sentido de descobrir os casos de tuberculose, mesmo que não sejam fracamente suspeitos, porque muitas vezes há tuberculosos que pelos traços physicos de aparente saúde enganam qualquer pessoa. || Quanto as lesões pulmonares não se acham cavernosas, isto é, os tuberculos não são ainda abertos, a expectoração não será tao abundante e por conseguinte a tosse não será tao pronuncia-da que chame bem a atenção. || Neste

casos os doentes affecta-|dos passam como indivíduos ro-|bustos, sem que os companheiros | de trabalho ao menos descon-|fiem. É mister, pois, que os go-|vernos ciosos da conservação da | saúde de seus subordinados, to-|mem real interesse prestando as|sim a essa humanidade decaden-|te os meios prophylaticosindis-|pensáveis decorrentes do ensina-mentos práticos e cuidadosamente | ministrado. Se nós outros, os in-|teressados na questão não nos | defendemos, por nos serem fa-cultativas as medidas de preven-|ção não raro por simples des-|confiança, então a tuberculose será mesmo no Brasil o que dis-|se Brouardel da França, que mais de 70% da população morria | tuberculosa, ou o era ainda pe-|recendo de outra moléstia. Foi| oq eu venficou o notável hygie|nista em diversas autopias, praticadas em lypos que lhe não há-|viam despertado suspeitas. | As Grandes cidades onde a massa po-pular é enorme, onde as fabri-|cas abrigam inúmeras pessoas | paupérrimas, são de modo geral | focos de tuberculose pulmonar.|| È nesses cantos onde a vida | colectiva mais se intensifica| que a tuberculose encontra todas|as condições favoráveis ao seus | nefasto desenvolvimento, desde os | elementos contagiantes até as condições propicias de receptividade. **O Jornal, 28 de novembro de 1923**

MAMANGUAPE || Mais uma vez, peço licença | aos meus muito poucos leito- | res para em plena Festa das | Neves, deixarmos esta nossa | amada Capital, nos ajustar | por algumas horas do Ponto | de Cem Reis e Chegar até uma | cidade do interior. || Mas, uma cidade onde eu | sempre costume penetrar com | o espírito ungido de um sin- | cero sentimento de respeito e | admiração. Porque é um dos | municípios do Estado que, tempos atrás, não se distin-|guiu apenas pelo seu movi-| mento comercial, sendo um | dos nossos mais concorridos | centros. Não, Destacou-se Tam- | bem – e espírito dos seus fi- | lhos, sendo hoje uma das ci- | dades paraibanas que pode | apresentar uma lista nem ex- | pressiva de homens que men- | talmente souberam elevar a | Paraíba. || Passei, sexta-feira última, | um agradável dia em Maman- | guape. Acompanhado ou | acompanhando (digo melhor) figuras representativas dos | nossos círculos culturais e | tambem elementos de proje- | ção na administração estadual, viajei até aquele município | de tão honrosas tradições. | Iamos assistir a inauguração | do pavilhão central do novo | prédio do INSTITUTO MO- | DERNO – um acontecimento, | assim, de muita significação | para uma cidade que, em tem- | pos não muito disntes, apre- | sentou paraibanos que sob o | Ponto de vista cultural, mar- | caram época em nosso Estado. || O almoço foi agradabilissi- | mo. Era a data natalícia | igualmente, do criterioso e | culto Promotor Público daque- | la importante comarca. O | meu distintíssimo colega José | Pedro Nicodemos completava | os seus 36 anos, cercado da sua | digna prole, servindo digna- | mente à Justiça e trabalhan- | do entusiasticamente pelo so- | erguimento educacional da | terra pessoas e Castro Pinto. Além | das pessoas da sua educada | família, nunca cardialidade em- | cantadora, eu, os drs. Osias Gomes e Afonso Pereira [ilegível]] professores François [ilegível]] | mont e Sebastião Lima [ilegível]]também o dr. Mário [ilegível]] Cruz Costa, [ilegível]] n s assentamos naquela [ilegível]] onde existiam ótimas [ilegível]] educação, hospitalidade [ilegível]] ra e ainda duas coisas impor- | tantissimas: suave camarada- | gem e ausência de inútil proto- | colo. **A União, 21 de junho de 1953**